

## O olhar do escritor: a atenção e a espera.

**Thiago Soler Montalvo**

Mestrando em Filosofia na UERJ

<https://lattes.cnpq.br/3399172873333300>

thiagosolermontalvo@hotmail.com

41

Rilke, n’*O Testamento* (2009), escreve sobre a sua tentativa malograda de terminar a escrita das *Elegias*. Hospedado por meses no castelo de Berg, sozinho e no cenário pacífico para a criação, sustenta-se *no estado da criação*, sem, contudo, dar continuidade às elegias, mas nisto transparece – diante o não-escrito que o envolveu incessantemente –, uma relação fundamental com a escrita, que revela a interdição enquanto constitutiva.

O não-escrito não representa uma possibilidade não efetuada, uma abstenção voluntária do escritor, tampouco o que foi "deixado de ser" escrito no escrito. O não-escrito não é sequer um resíduo, pois é inalcançável e não pode ser rastreado. Não podemos vê-lo nem mesmo como um sonho, pois o não-escrito não se encaixa nessa categoria. Ele está além de nossa visualização, mas ainda assim envolvido em um sentimento de perda. É a isso que Rilke se refere, quase como um ensinamento visceral: “Eu o soube durante todo este inverno: tenho de me concentrar na meditação de algo. Ah, esta é a perda mais dura: haver perdido algo desconhecido, indecifrável” (Rilke, 2009, p. 133).

E em que consiste tal olhar que não consegue visualizar? Qual era a postura de Rilke durante sua estadia em Berg? Quando o comentador de Rilke fala de uma “concentração aberta” e o próprio de uma “atenção equilibrada”, trata-se de dois movimentos que se reúnem em um mesmo campo: primeiro, uma abertura que não se fecha; segundo, a presença de uma tênue força – a do equilíbrio – que sustenta esta sustentação da abertura; e eis a união: a abertura e a força da abertura são o desdobramento de uma *afirmação impessoal*, em que já não mais é um “eu” que olha.

Buscando refinar o entendimento acerca desse olhar do escritor, recorro à noção de *atenção* em Blanchot, que esclarece um olhar que não está investido nem revertido, um olhar que não visa algo nem se encara enquanto vidente, um olhar selado numa força

que não força, uma “força gentil” que não contraria nem combate: entre o ‘sim’ e o ‘não’ está “a grande paciência de esperar”, tão cara à Rilke. A atenção espera, a atenção é impessoal: “attention has always already detached me from myself” (Blanchot, 1993, p. 121). E é nessa descentralização generalizada que podemos estar ‘do lado da atenção’ e, enquanto a atenção equivale totalmente a si mesma, o seu *centro é o mistério*, um mistério que se reserva enquanto nada (“but the mystery is nothing, even as a mysterious nothing”, *ibidem*). A atenção atenta ao que lhe escapa.

O olhar do escritor está sempre voltado para um mistério sem segredo, que sequer oferece a oportunidade de decifração e que, apesar de insondável, é o guia da escrita. A condição inacessível contida no não-escrito não deixa de ser a condição da escrita. O não-escrito é o misterioso nada que a escrita não deixa de ser, especialmente quando acompanhamos o lamento de Rilke com as palavras de Marguerite Duras: “A escrita é o desconhecido. Antes de escrever, nada sabemos acerca do que vamos escrever. E com toda a lucidez. [...] É o desconhecido que carregamos dentro de nós: escrever, é isso que se alcança. É isso ou nada” (Duras, 2021, p. 63).

**Palavras-chave:** Atenção. Blanchot. Espera. Impessoal. Rilke.

### Bibliografia

BLANCHOT, Maurice. *The infinite conversation*. Translation and foreword by Susan Hanson. Minneapolis; Londres: University of Minnesota Press, 1993.

DURAS, Marguerite. *Escrever*. Trad. Luciene Guimarães de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

RILKE, Rainer Maria. *Os cadernos de Malte Laurids Brigge*. Trad. Lya Luft. São Paulo: Editora Novo Século, 2008.

RILKE, Rainer Maria. *O Testamento*. Trad. Tercio Redondo; prefácio Helmut Galle. São Paulo: Globo, 2009.

RILKE, Rainer Maria. *Elegias de Duíno*. Trad. Dora Ferreira da Silva. 6 ed. São Paulo: Biblioteca Azul, 2013.